

CAPÍTULO 92

DOI: 10.4322/978-65-995353-8-3-092

UTILIZAÇÃO DA BRINQUEDOTERAPIA PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS POR CÂNCER: REVISÃO INTEGRATIVA

Lara Beatriz de Sousa Araújo¹, Juliana Coelho do Valle², Karina de Jesus Cruz do Carmo³, Willian Pontes Silva⁴, Aline Oliveira da Silva⁵, Larissa de Castro Gomes⁶, Bianca Sales Freitas Guerra⁷, Amanda Raposo Fernandes⁸, Mariana Marinho Martins⁹, Larissa Christiny Amorim dos Santos¹⁰, Carolina Pedreira de Cerqueira Costa¹¹, Júlia Silva¹², Rebecca Caetano dos Santos¹³, Stephanie Campos Moreira¹⁴, Eliza Cristina Macedo¹⁵

¹Universidade Federal do Piauí, (larabeatriz@ufpi.edu.br)

²Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (julianacdovalle@edu.unirio.br)

³Universidade Federal do Pará, (karina.carmo@ics.ufpa.br)

⁴Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (willianpontess@edu.unirio.br)

⁵Universidade do Grande Rio, (alineoliveirasilva234@gmail.com)

⁶Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação, (larissacastro2013@live.com)

⁷Centro Universitário Unifametro, (biancaguerra99@hotmail.com)

⁸Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
(amanda.raposo.fernandes@edu.unirio.br)

⁹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (marianamarinho@edu.unirio.br)

¹⁰Universidade Iguaçu, (amorimlari224@gmail.com)

¹¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (carolpccosta@edu.unirio.br)

¹²Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (juliasilva@edu.unirio.br)

¹³Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (rebecca.caetano@edu.unirio.br)

¹⁴Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (stephaniecm@edu.unirio.br)

¹⁵Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (eliza.macedo@unirio.br)

Resumo

Objetivo: Identificar por meio da literatura científica o papel e a importância da utilização da brinquedoterapia para crianças hospitalizadas com câncer. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada a partir das bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Base de Dados

de Enfermagem (BDENF) e Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE). Dessa forma, foram utilizados os descritores “Criança”, “*Infants*”, “*Child*”, “Jogos e Brinquedos”, “Ludoterapia”, “Brinquedo terapêutico”, “Games” e “Neoplasias”, “Câncer”, “*Neoplasm*”, unidos pelo operador booleano *AND* e *OR*. Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, de forma online, publicados nos últimos dez anos e excluídos artigos duplicados, debates, resenhas, editoriais, resumos ou artigos publicados em anais de eventos, indisponíveis na íntegra e que não contemplavam o tema ou objetivo proposto. **Resultados e Discussão:** Os resultados confirmaram a eficácia do brinquedo terapêutico durante o processo quimioterápico, sendo um importante agente não farmacológico utilizado para tranquilizar os pacientes pediátricos. Destacando assim, a importância da equipe multiprofissional, capacitada para incluir a criança nesse processo e tornar esse cuidar mais eficiente. **Conclusão:** Por meio da análise, foi possível concluir que a utilização da brinquedoterapia auxilia na realização de diversos procedimentos no âmbito hospitalar, sendo eles capazes de tornar esse processo menos traumático, contribuindo assim, para a qualidade de vida dessas crianças.

Descritores: Criança; Jogos e brinquedos; Câncer.

Área Temática: Neonatologia e Pediatria

E-mail do autor principal: larabeatriz@ufpi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A hospitalização é um processo que muitos indivíduos já vivenciaram e, embora possa exercer uma maior assistência ao necessitado, pode gerar sofrimento, uma vez que o paciente fica restrito ao convívio com o mundo externo e sujeito. Crianças em tratamento contra o câncer são exemplos de pessoas que sofrem, constantemente, com a hospitalização. Esse sofrimento está relacionado a fatores como a incapacidade de lidar com o lado abstrato da doença, separação com os familiares e amigos, falta de oportunidade de formar novos vínculos, ambiente desconhecido e exposição a procedimentos dolorosos e desconfortáveis, como quimioterapia, radioterapia e cirurgias. Na infância, o tempo de internação pode se configurar como uma experiência potencialmente traumática (ARTILHEIRO, 2011).

O diagnóstico de câncer e, consequentemente, a hospitalização de crianças e adolescentes resultam em limitações que impedem seus desejos de brincar, comer, ir à escola e interagir com grupos de amigos e familiares (CALEFFI, 2016). No ambulatório de quimioterapia, os pequenos demonstram certo estresse perante o tratamento, o qual, segundo site informativo do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2022), possui duração relacionada diretamente com o tipo de tumor. A administração endovenosa de quimioterápicos é um dos procedimentos mais comumente realizados e gera grande medo e estresse à criança. No entanto, essa situação pode ser amenizada quando se garante a presença dos familiares, disponibilidade

afetiva dos trabalhadores de saúde, informações adequadas à criança e a promoção de atividades lúdicas, por exemplo, por meio de Brinquedos Terapêuticos (BT) (ARTILHEIRO, 2011).

O brincar é fundamental para o desenvolvimento e estimulação infantil, mesmo em tempos de hospitalização, sendo capaz de permitir descobrir novas habilidades, compreender relações afetivas e se apropriar de valores culturais (SILVA, 2020). O brincar é reflexo da necessidade humana de possuir interação com o outro e é, nesse cenário, que a brincodoterapia se estabelece como uma ferramenta para mitigar o sofrimento e a solidão de diversas crianças hospitalizadas com câncer. Nesse sentido, o brincar passa a ser visto como um espaço terapêutico capaz de promover não só a continuidade do desenvolvimento infantil, como também a possibilidade de ressignificar a hospitalização (RODRIGUES *et al.*, 2010).

O brinquedo terapêutico possibilita à criança aliviar a ansiedade gerada por experiências atípicas à sua idade. A necessidade de brincar não é anulada com a hospitalização, pois o brincar torna o ambiente de tratamento mais acolhedor. O uso desse método terapêutico no cuidado à criança auxilia no alívio da dor, desenvolvendo a sua capacidade de se relacionar com o cuidador, permitindo-lhe que demonstre seus sentimentos quanto ao tratamento e ao ambiente hospitalar. Dessa forma, para a criança hospitalizada, o ato de brincar é importante porque faz com que ela preserve sua saúde emocional, a qual é fundamental para mantê-la forte para passar pelo tratamento (SILVA, 2020).

Esse artigo, portanto, possui como objetivo fomentar a importância do brinquedo terapêutico que, ao ser utilizado pela equipe multiprofissional, ajuda o paciente a colaborar na realização dos procedimentos, fazendo com que o processo de cuidar seja reavaliado e mais humanizado. Logo, o uso do BT é importante para que os profissionais minimizem os efeitos do tratamento do câncer e da hospitalização. Assim, o estudo dessa ferramenta faz-se relevante, uma vez que pode amenizar o sofrimento de uma criança hospitalizada pelo câncer e abrir portas para que essa, mesmo com a enfermidade, possa enxergar uma vida além dos muros do hospital.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão integrativa de literatura. Para a elaboração do seguinte estudo, foram seguidas as etapas de definição do tema e elaboração da questão de pesquisa; definição dos critérios de inclusão e exclusão; definição dos descritores, busca na literatura e coleta de dados; análise dos estudos incluídos e discussão dos resultados; e apresentação da síntese da revisão. Para direcionar a presente revisão, delineou-se como questão norteadora: O que a literatura aborda sobre a utilização da brincodoterapia para crianças hospitalizadas por câncer? A revisão foi realizada pela equipe de forma independente,

em trios, para a realização das etapas, contando com a decisão de maioria para as não concordância quanto à inclusão ou não de registros.

A busca dos artigos foi realizada entre fevereiro e março de 2022, nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE). Após realizar a pesquisa de termos controlados Descritores em Ciências da Saúde e Medical Subject Headings (DECs/MeSH), foram utilizados os descritores: “Criança”, “*Infants*”, “*Child*”, “Jogos e Brinquedos”, “Ludoterapia”, “Brinquedo terapêutico”, “Games”, e “Neoplasias”, “Câncer”, “*Neoplasm*”, cruzados com os operadores booleanos “AND” e “OR”.

Quadro 1. Representação da estratégia de busca utilizada nas bases de dados diante dos artigos elegíveis e selecionados.

BASES	ESTRATÉGIA
LILACS	(Criança) AND (Jogos e Brinquedos) AND (Neoplasias)
SCIELO	(Criança) AND (Ludoterapia) AND (Neoplasias) (Criança) AND (Jogos e Brinquedos) AND (Câncer)
BDENF	
MEDLINE	(<u>Infants</u>) AND (Games) AND (<u>Neoplasm</u>) (Kids) AND (Games) AND (<u>Neoplasm</u>)

Fonte: Autores, 2022.

Foram selecionados como critérios de inclusão: artigos publicados nas referidas bases de dados nos últimos dez anos – tendo em vista a preferência por estudos mais atuais acerca da temática – disponíveis na íntegra e que contemplassem o tema proposto para esta pesquisa. Foram excluídos artigos duplicados, debates, resenhas, editoriais, resumos ou artigos publicados em anais de eventos e indisponíveis na íntegra.

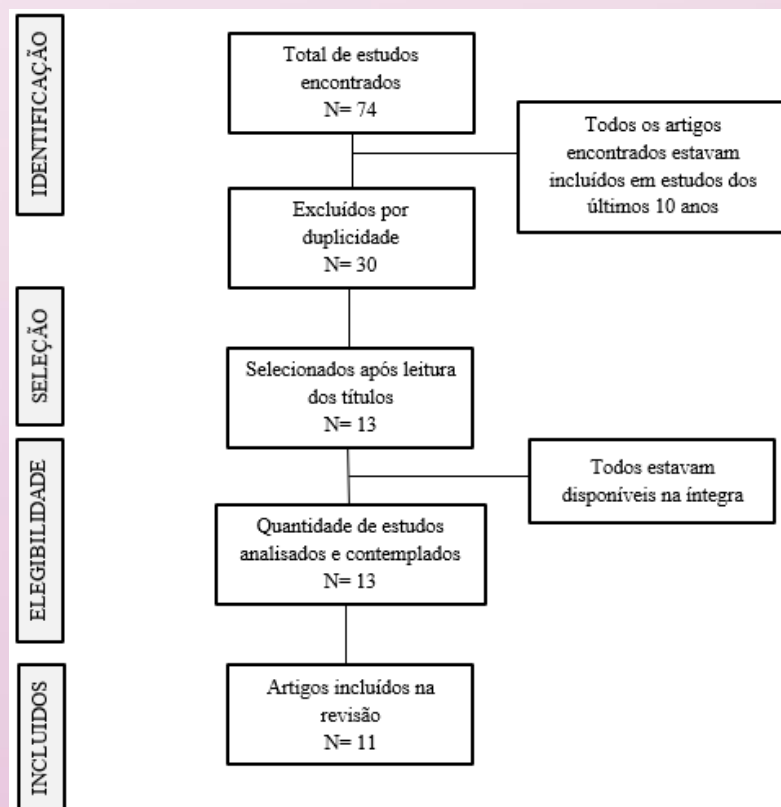
Para a obtenção dos dados foi utilizado um questionário elaborado pela equipe com base em Ursi (2005). As variáveis foram relacionadas a metadados dos estudos; método utilizado; nível de evidências e qualidade dos estudos. Foram utilizados estudos primários, sendo excluídas revisões e demais estudos com baixo nível de evidência, buscando-se bons resultados sobre brinquedoterapia para crianças hospitalizadas por câncer.

O presente estudo foi realizado pelos estudantes pertencentes a Liga Acadêmica de Pediatria Multidisciplinar (LAPEM), vinculada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), colocando em prática um dos pilares de uma liga acadêmica: a pesquisa. Ademais, ressalta-se que, quanto aos aspectos éticos, por se tratar de um estudo de revisão, não foi necessário o encaminhamento e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. No entanto, foram respeitados os preceitos éticos e a garantia dos direitos autorais das obras utilizadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, o fluxograma embasado no *Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses* (PRISMA, 2009) sintetiza a busca dos artigos (Figura 1).

Figura 1. Fluxograma com o processo de seleção dos artigos que compuseram a síntese final.



Fonte: Dados coletados pelos autores (2022).

Após a análise dos artigos, destacaram-se cinco pontos temáticos: a brincodoterapia no auxílio da realização de procedimentos, impactos do tratamento oncológico nas crianças e a brincodoterapia como recurso lúdico, o papel do profissional de saúde na brincodoterapia, o papel da família na brincodoterapia e a importância da brincodoteca em instituições que recebem crianças em tratamento oncológico.

3.1 A brincadedoterapia no auxílio da realização de procedimentos

Os recursos terapêuticos utilizados no tratamento oncológico apresentam-se como mais um fator estressor na rotina de pacientes pediátricos. A realização da quimioterapia, somada aos seus efeitos, como impacto no apetite, perda de cabelos, redução do peso corpóreo, entre outros, tende a suscitar emoções negativas na criança. Os pacientes pediátricos submetidos ao tratamento quimioterápico classificam a experiência como altamente desagradável, havendo relatos de sensações como dor, agonia e medo. Além disso, os sintomas desencadeados pelo uso de medicamentos quimioterápicos também foram tidos como responsáveis por potencializar a debilidade física e emocional (MORAIS *et al.*, 2018).

Dessa forma, a utilização do brinquedo terapêutico (BT) é introduzida enquanto método de minimização dos efeitos deletérios do tratamento oncológico (SANTOS *et al.*, 2019). Um estudo de Artilheiro *et al.* (2011), demonstrou que o uso do BT durante a quimioterapia implica efeitos nos comportamentos relacionados à expressão de sentimentos, onde a presença dos brinquedos, 93,3% dos pacientes apresentaram a postura e expressão facial relaxada e 70% das crianças sorriram durante a realização do procedimento. Também foram observados impactos nos comportamentos relacionados à interação com o profissional, em que 93,3% colaboraram passivamente atendendo às solicitações do profissional, 80% auxiliaram o profissional espontaneamente e 70% fizeram conversaram com o profissional ou acompanhante.

A punção venosa é considerada um dos procedimentos mais incômodos pelas crianças, sendo descrita como invasiva e dolorosa. Além disso, antes da introdução do brinquedo terapêutico, nesse momento do tratamento, as crianças apresentavam sinais de introversão, evitando a comunicação, porém, após o uso do BT, os pacientes pediátricos realizaram questionamentos aos profissionais e estabeleceram diálogo, havendo diminuição da inibição diante desse procedimento. A brincadedoterapia demonstra sua importância enquanto agente não farmacológico, sendo aplicada no auxílio da compreensão e acolhimento das emoções de pacientes pediátricos na situação de debilidade psicológica ocasionada pela condição de saúde, o que coopera com a realização dos procedimentos, tornando-os menos traumáticos (SANTOS *et al.*, 2019).

3.2 Impactos do tratamento oncológico nas crianças e a brincadedoterapia como recurso lúdico

A criança com câncer é submetida a diversos procedimentos dolorosos e traumatizantes, passando longos períodos hospitalizada sendo, assim, afastada de ambientes como sua casa e escola. Dessa forma, o paciente pediátrico é privado do convívio com seus familiares, amigos

e colegas de classe, levando a uma visão do hospital como um local de limitações, isolamento, dor e sofrimento. O tratamento oncológico gera nas crianças sentimentos como: incerteza, ansiedade, estresse, angústia, medo, raiva e tristeza. Nesse contexto, a brincodoterapia tem um papel importante na transformação do ambiente hospitalar e da saúde mental infantil (LIMA; SANTOS, 2015; SILVA; CABRAL, 2015).

A vivência de uma doença tão complexa ainda na juventude força uma adaptação do cotidiano, em que a criança torna-se responsável por cuidados com a saúde. Esse fato apresenta-se, por exemplo, quando ela acredita que a sua participação em alguma brincadeira ou atividade pode acarretar em uma piora em seu quadro. Logo, a criança abre mão de um momento de distração por medo de agravar sua doença, demonstrando um amadurecimento precoce (LOPES *et al.*, 2020).

O medo mostrou-se presente em muitos dos estudos selecionados (MORAIS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019; TOLOCKA *et al.*, 2019; LOPES *et al.*, 2020; MELLO *et al.*, 2021), tornando-se um sentimento vivenciado recorrentemente pelas crianças. Isso deve-se a alguns fatores: o desconhecimento por parte da criança sobre a sua real situação de saúde, o não esclarecimento de suas dúvidas sobre os procedimentos realizados e a absorção dos sentimentos vivenciados pelos pais ou responsáveis (cansaço, estresse, angústia, tristeza, medo).

Os efeitos colaterais das medicações, cirurgias, longos períodos de internação, imunidade baixa, enjoos, apatia, dentre outros dificultadores da rotina dessas crianças, impedem brincadeiras de impacto, idas à escola, convívio em casa com irmãos e outros familiares e momentos de lazer. Impedidas de realizarem atividades comuns da infância, as crianças em tratamento oncológico demonstram raiva e tristeza (SILVA & CABRAL, 2015; LOPES *et al.*, 2020; MELLO *et al.*, 2021).

Os artigos mostraram que a brincadeira contribui em diversos aspectos: melhora da relação paciente-profissional de saúde, proporciona momentos de distração, torna a criança mais consciente da sua condição e tratamento, funciona como recurso não farmacológico no alívio da dor, auxilia no desenvolvimento biopsicossocial infantil, diminui a tensão do ambiente hospitalar e, também, traz momentos de alegria e bem estar para esses pacientes durante esse processo árduo (LIMA; SANTOS, 2015; SILVA & CABRAL, 2015; MORAIS *et al.*, 2018).

Tolocka (2019, p.440), ao destacar os benefícios da brincodoterapia, prova ser essa um valioso recurso para a melhoria do ambiente hospitalar, o qual é visto como um ambiente de dor e sofrimento, o que influencia na saúde mental infantil. Nesse sentido, a brincodoterapia apresenta diversos benefícios, como melhorias na qualidade de vida, vivência de alegria, redução de irritabilidade, agressividade e ansiedade, bem como o aumento de socialização.

3.3 O papel do profissional da saúde na brincodoterapia

O câncer é uma doença que rouba dos pacientes oncológicos infantis, muitas vezes, a vontade de brincar, de serem crianças. Sendo assim, a brincodoterapia faz-se muito importante para estimular não só seu desenvolvimento, mas também para suavizar o processo traumático do enfrentamento da doença. Nesse contexto, os profissionais da saúde são peças-chave para que essa forma de terapia funcione de maneira adequada e traga todos os benefícios para a criança hospitalizada. Afinal, é por meio da brincadeira que elas desenvolvem a habilidade de se comunicar, solucionar problemas, fracassar, usar a imaginação para criar e descobrir o mundo no qual estão inseridas (MONTEIRO; CORRÊA, 2012).

Embora exista a Lei nº 11.104 que torna as brincodotecas hospitalares obrigatórias (BRASIL, 2005a), esses espaços ainda sofrem com problemas que podem, ao invés de proporcionar benefícios, ocasionar nas crianças, devido às condições debilitantes que o câncer proporciona, tristeza, dor ou medo de prejudicar o tratamento. Nesse contexto, está a importância da presença de profissionais que consigam entender as necessidades infantis e garantir os seus cuidados individuais e, assim, explorar toda a capacidade da brincodoterapia em auxiliar no desenvolvimento dessas crianças. Isto é, proporcionar atenção não só para as necessidades fisiológicas, mas também atender às questões psicológicas, sociais e cognitivas, ou seja, o indivíduo como um todo, como destaca o artigo “O resgate do prazer de brincar da criança com câncer no espaço hospitalar” (LILIANE e IVONE, 2015).

Em sua maioria, no cuidado direto do dia a dia, os enfermeiros e técnicos de enfermagem passam mais tempo com os pacientes oncológicos infantis e, então, desempenham um papel fundamental na inclusão de brincadeiras nos cuidados prestados, respeitando as limitações de cada criança. Nesse cenário, estudos mostram que a aceitação ao tratamento e a relação com a equipe tornam-se mais fáceis (DEPIANTI *et al.*, 2014a e DEPIANTI *et al.*, 2014b), assim como ressalta o artigo “Brincar e crianças com câncer: que relação é esta?”.

O lúdico no cuidado dos profissionais ajuda o entendimento, uma vez que pode ser usado para a criança entender melhor a sua doença e para demonstrar procedimentos invasivos em bonecos que, muitas vezes, geram medo e dor, por exemplo, facilitando a realização desses e incluindo a criança no processo. Além disso, proporciona uma desconstrução da imagem negativa do tratamento para os pacientes pediátricos, tornando o hospital um local onde não há somente dor (DIAS *et al.*, 2018 e GOMES *et al.*, 2015).

3.4 O papel da família na brincodoterapia

A infância é uma fase ainda bem desconhecida pelo público infantil, demarcada como uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano, e é a partir dela que as crianças começam, aos poucos, a explorar e conhecer o ambiente à sua volta. O papel da família é de suma importância para a evolução infantil, por ser a primeira sociedade que se convive e se leva por toda a vida, e é a grande base para a formação de qualquer indivíduo (NOGUEIRA 2017).

A doença, por sua vez, juntamente ao ambiente hospitalar, são fatores que podem desencadear uma série de traumas, medos, angústias e inúmeras limitações para a própria criança, causando, assim, eventos não esperados para esta fase do ciclo vital, sendo considerados como momentos de crise para toda a família (MARQUES, 2016).

Para a criança com câncer, é importante ser dito que o papel familiar é muito importante, visto que a questão hospitalar de exames, idas ao médico e, no caso do paciente oncológico, de quimioterapias, farão parte da nova e cansativa rotina, com normas e regras específicas. O diferente horário de ir dormir em uma cama que não se está acostumada e o uso de roupas diferentes das quais são usadas em casa, são algumas condições hospitalares que podem gerar uma despersonalização do paciente e dificultar o enfrentamento da doença (SILVA *et al.*, 2020).

A brinquedoteca é um espaço capaz de favorecer o desenvolvimento da criança, além de ajudá-la a entender o que está acontecendo consigo por meio do brincar, retirando um pouco da seriedade e da tensão de estar em um hospital, o que se torna importante para aliviar desgastes e possíveis crises e estresses nas famílias, pois promove interações lúdicas com os membros desse núcleo familiar por meio da utilização de brinquedos e jogos educativos (FONTES *et al.*, 2010).

3.5 A importância da brinquedoteca no ambiente hospitalar e outras instituições que recebem crianças com câncer

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), toda criança tem o direito de brincar, mas, com o diagnóstico de câncer e o tratamento, que diversas vezes consiste em internações e procedimentos longos e exaustivos, muitas acabam não exercendo esse direito, sendo válido salientar que a criança hospitalizada continua sendo criança, tendo a mesma necessidade e direitos que as outras.

O ato de brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, para que se desenvolvam novas habilidades e haja o aprimoramento de antigas, além de ser importante para a criação de vínculos com outras crianças, já que nesse processo de hospitalização é comum encontrar paciente pediátricos que se sentem sozinhos (SILVA *et al.*, 2020). A brinquedoteca nos espaços frequentados por esse público infantil, principalmente hospitais, onde passa uma quantidade

significativa de tempo, é indispensável, sendo isso evidenciado na Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, a qual apresenta a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. É importante destacar o Art. 2º, em que se considera a brinquedoteca como o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

A brinquedoteca, por muitas vezes ser o principal e, em alguns casos, o único local para brincar utilizado por crianças hospitalizadas, acaba se tornando o espaço onde elas podem exercer o seu direito de brincar, estimulando a melhora de sua saúde física, emocional, intelectual, mental e social, e possibilitando que elas expressem suas emoções. Isso pode auxiliar tanto na redução de irritabilidade e ansiedade, como também no aprendizado de um novo modo de brincar compatível com sua atual condição de saúde (TOLOCKA *et al.*, 2018). Ademais, a presença da brinquedoteca e o ato de brincar colaboram no preparo desses pacientes para os procedimentos, já que promove a sua cooperação e adesão ao tratamento, e também ameniza os efeitos adversos e sofrimentos oriundos dessas intervenções (MORAIS *et al.*, 2018).

4 CONCLUSÃO

A brinquedoterapia constitui-se como um recurso eficaz na introdução ao tratamento oncológico de crianças, resultando em benefícios para o processo de recuperação e bem estar do paciente. O presente estudo identificou a importância da implementação e utilização da brinquedoterapia para crianças hospitalizadas com câncer a partir da literatura pré-existente. Logo, o fato de tratar-se de uma revisão integrativa foi, de fato, útil, pois possibilitou a compreensão da abrangência da temática no cenário atual da literatura científica.

Constatou-se que o uso do brinquedo terapêutico auxilia na realização de procedimentos no âmbito hospitalar, tornando-os menos traumáticos, agindo não apenas como um agente não farmacológico para o alívio da ansiedade e do medo, mas também como uma maneira da criança compreender melhor a sua patologia e os procedimentos que se fazem necessários. Além de auxiliar a aderência ao tratamento oncológico, foi provado que a brinquedoterapia, como recurso lúdico, melhora a qualidade de vida dos pacientes em sua forma mais ampla, isto é, de maneira biopsicossocial, abrangendo, de maneira evidente, aspectos físicos, comportamentais e de interação sociofamiliar na criança.

Observa-se a relevância do brincar no desenvolvimento infantil, assim como se destaca a necessidade da brinquedoteca no ambiente hospitalar, visto que se configura como o espaço na instituição de saúde, onde as crianças podem exercer livremente o brincar, um de seus direitos primordiais. No entanto, como apontado nos dados dessa pesquisa, é imprescindível

fornecer um lugar adequado e que atenda as necessidades da criança, possibilitando um ambiente acolhedor e contribuindo para melhora do estado físico e mental do paciente.

Entretanto, os estudos brasileiros acerca da temática não são vastos ou, até mesmo, atualizados quanto o necessário. Portanto, tendo em vista as diversas vantagens trazidas, torna-se essencial a disseminação da importância da brinquedoterapia para crianças oncológicas hospitalizadas para que, desta maneira, essa temática seja destacada como pauta fundamental para pesquisas científicas futuras.

REFERÊNCIAS

ARTILHEIRO, A. P. S., *et al.* Uso do brinquedo terapêutico no preparo de crianças pré-escolares para quimioterapia ambulatorial. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 5, p. 611-616, 2011.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei 8.069/90**. São Paulo, 1990.

BRASIL. **Lei n. 11.104, de 21 de março de 2005a**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

BRASIL. Ministério da Saúde. Quanto tempo demora todo o tratamento de quimioterapia?. **Instituto Nacional do Câncer (INCA)**. 2021.

CALEFFI, C. C. F., *et al.* Contribuição do brinquedo terapêutico estruturado em um modelo de cuidado de enfermagem para crianças hospitalizadas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 2, 2016.

DEPIANTI, J. R. B., *et al.* Benefícios do lúdico no cuidado à criança com câncer na percepção da enfermagem: estudo descritivo. **Online Brazil Journal Nurse**, 2014b.

DEPIANTI, J. R. B., *et al.* Dificuldades da enfermagem na utilização do lúdico no cuidado à criança com câncer hospitalizada. **Journal Research: Fundamental Care Online**, v. 6, n. 3, p. 1117-1127, 2014a.

DIAS, P. L. M; SILVA, I. P. The use of the toy during the treatment of children with cancer: perceptions of the multidisciplinary team. **Rev. Bras. Cancerol**, v. 64, n. 3, p. 311-318, 2018.

GOMES, A. S., *et al.* Contribuição do brinquedo terapêutico na interação entre a criança, a família e a equipe de enfermagem. **Rev. Enferm. Integrada**, v. 8, n. 2, 2015.

LIMA, K. Y. N.; SANTOS, V. E. P. S. O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 2, p. 76-81, 2015.

LOPES, N. C. B., *et al.* Abordagens lúdicas e o enfrentamento do tratamento oncológico na infância. **Rev Enferm UERJ**, v. 28, 2020.

MARQUES, E. P. *et al.* Lúdico no cuidado à criança e ao adolescente com câncer: perspectivas da equipe de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, v. 20, n. 3, 2016.

MELLO, A. S., *et al.* O brincar e a criança em tratamento oncológico: relações para além da dimensão terapêutica. **LICERE**, v. 24, n. 2, 2021.

MELO, L. A., *et al.* A brincoterapia na assistência a crianças com câncer: a visão dos familiares. **Ciência Plural**, v. 2, n. 3, 2016.

MONTEIRO, L. S.; CORRÊA, V. A. C. Reflexões sobre o brincar, a brinquedoteca e o processo de hospitalização. **Rev Para Med**, v. 26, n. 3, 2012.

MORAIS, G. S. N., *et al.* Experiência existencial de crianças em tratamento quimioterápico sobre a importância do brincar. **Revista RENE**, v. 19, 2018.

NOGUEIRA, M. B. A Família: conceito e evolução histórica e sua importância. **UFSC**, 2021.

PUGLIERO, A. P. S.; SOUZA, M. A. S.; MELO, L. L. Da doação à autorreflexão: vivências de voluntários de uma brinquedoteca para crianças com câncer. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 1, 2018.

RODRIGUES, A. R.; PIMENTEL, H. P.; BARBOTI, R. A. Benefícios do Brinquedo Terapêutico no Cuidado de Enfermagem à Criança Hospitalizada. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 31, n. 2, 2010.

SANTOS, S. S. S.; SILVA, F. L. S.; CANTALICE, A. S. C. Brinquedo terapêutico instrucional: preparando a criança para a quimioterapia endovenosa. **SALUSVITA**, v. 38, n. 4, p. 987-1000, 2019.

SILVA, J. M. L. *et al.* O brinquedo terapêutico instrucional como ferramenta na assistência oncológica infantil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, 2020.

SILVA, L. F.; CABRAL, I. E. O resgate do prazer de brincar da criança com câncer no espaço hospitalar. **REBEn**, v. 68, n. 3, p. 391-397, 2015.

SOARES, V. A., *et al.* O uso do brincar pela equipe de enfermagem no cuidado paliativo de crianças com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 35, n. 3, p. 111-116, 2014.

TOLOCKA, R. E., *et al.* Brincar e crianças com câncer: que relação é esta?. **LICERE**, v. 22, n. 1, 2019.